

**UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES
PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU”
PROJETO A VEZ DO MESTRE**

A DIDÁTICA NA FORMAÇÃO DOCENTE DO ENSINO SUPERIOR

Por: Marcos Aurélio Ferreira

**Orientador
Prof. Leonardo Silva da Costa**

**Rio de Janeiro
2010**

**UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES
PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU”
PROJETO A VEZ DO MESTRE**

A DIDÁTICA NA FORMAÇÃO DOCENTE DO ENSINO SUPERIOR

Por: Marcos Aurélio Ferreira

Monografia apresentada ao Instituto A Vez do Mestre como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Docência do Ensino Superior.

Orientador: Prof. Leonardo Silva da Costa

**Rio de Janeiro
2010**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a DEUS pela capacitação, recursos e demais providências oriundas de sua magistral soberania. Também sou grato a toda equipe do Instituto A Vez do Mestre, que muito capaz e atenciosamente colaboraram para que eu atingisse os objetivos inerentes ao curso.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha esposa, filha e a todos que direta ou indiretamente contribuíram para o surgimento dele.

EPÍGRAFE

O Pregador, além de sábio, ainda ensinou ao povo o conhecimento; e, atentando e esquadrinhando, compôs muitos provérbios. Procurou o Pregador achar palavras agradáveis e escrever com retidão palavras de verdade. As palavras dos sábios são como agulhões, e como pregos bem fixados as sentenças coligidas, dadas pelo único Pastor. Demais, filho meu, atenta: não há limite para fazer livros, e o muito estudar é enfado da carne. De tudo o que se tem ouvido, a suma é: Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo homem. Porque Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más.

Eclesiastes 12:9 a 14

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo mostrar a importância da didática na formação docente, haja vista que ela pode ser considerada como ciência aplicada no processo de ensino e aprendizagem. Mostrar-se-á a finalidade da educação sob padrões didáticos e metodológicos de qualidade a fim de atender as demandas da sociedade, destacando as mudanças que estão ocorrendo no meio universitário quanto à importância da didática, e deixará claro que a didática, ao cumprir o seu papel de “arte de ensinar” legitima a presença docente e da universidade no cenário educacional. Ainda, este trabalho procurará validar a idéia de que a didática sendo conhecida, aprendida e aplicada funcionará como elemento favorável para a construção qualitativa do docente, do discente, do processo educacional e da própria universidade. Perceber-se-á que a didática, quando conhecida e aplicada efetivamente, torna-se veículo de validação da necessidade do corpo docente como elemento facilitador do processo de ensino e aprendizagem, e da universidade como instituição detentora e divulgadora de conhecimentos. Sob este contexto chegar-se-á à conclusão de que a didática é instrumento facilitador, que ajuda no cumprimento da visão e também propicia a interação e o crescimento das partes: universidade, aluno, docente, sociedade. Por isso, a consideração acerca da sua importância e necessidade na formação docente e no plano universitário.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada na elaboração deste trabalho monográfico fundamenta-se em pesquisa bibliográfica. Vários autores foram consultados e partes de suas obras citadas a fim de estabelecer a fundamentação teórica.

A obra de **Antunes (2002)** contribuiu com sua clareza acerca dos novos paradigmas acerca da educação.

A obra de **Bireaud (1995)** contribuiu com as suas análises acerca do ensino superior e suas mudanças no cenário internacional.

A obra de **Carlini e Scarpato (2008)** contribuiu com as questões inerentes a formação continuada do docente do ensino superior.

A obra de **Castanho (2009)** através das reflexões de vários autores, contribuiu com suas análises acerca da metodologia do ensino superior, pesquisa, prática docente e sobre a importância de uma visão didático-pedagógica universitária crítica e atualizada.

As obras de **Gil (2009 e 2010)** contribuíram com informações inerentes a importância de a didática ser atualizada e contextualizada na prática docente, e também na aplicação de uma metodologia alinhada com o processo de ensino e aprendizagem.

A obra de **Libâneo (2002)** contribuiu com informações relacionadas ao papel essencial da didática e o trabalho docente.

A obra de **Perrenoud (2001)** contribuiu com sua visão sobre a qualidade da formação docente e suas competências.

A obra de **Pimenta e Anastasiou (2010)** contribuiu com suas abordagens relacionadas ao trabalho do professor na sala de aula, sobre identidade docente e acerca do ensino superior no contexto atual e suas finalidades.

A obra de **Queluz (2003)** por meio de coletânea de textos, contribuiu com informações relacionadas à qualidade do ensino universitário e da relação de poder entre professor e aluno.

A obra de **Steiner e Malnic (2006)** colaborou com suas reflexões sobre o futuro do ensino superior e a pesquisa como elemento necessário no processo de ensino e aprendizagem.

A obra de **Zabalza (2004)** colaborou com sua visão acerca dos protagonistas do ensino universitário: instituição, docente e discente; e também com sua análise acerca das condições necessárias para que o processo de ensino e aprendizagem produza informações coerentes às exigências dos tempos atuais.

Ao fundamentar esta monografia numa pesquisa bibliográfica procura-se buscar e evidenciar respostas para o tema e problema evidenciados no Plano de Pesquisa e destacados na introdução deste trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I - A DIDÁTICA NA DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA	11
CAPÍTULO II - A METODOLOGIA NA DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA	17
CAPÍTULO III - O DOCENTE UNIVERSITÁRIO E A UNIVERSIDADE	23
CAPÍTULO IV - UMA VISÃO DE EDUCAÇÃO UNIVERSITÁRIA	29
CONCLUSÃO	35
BIBLIOGRAFIA	37

INTRODUÇÃO

A Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 no capítulo IV, art. 43 e parágrafos I a IV registra o seguinte acerca da educação superior:

Estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo; formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua; incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive; promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação.

Na Declaração Mundial Sobre a Educação Superior no Século XXI: Visão e Ação (artigo 7º, UNESCO, 1998) colocam-se especial ênfase na formação profissional para a vida e a sociedade em função dos interesses e necessidades da sociedade:

Em economias caracterizadas por mudanças e pelo aparecimento de novos paradigmas de produção baseados no conhecimento e sua aplicação, assim como na manipulação de informação, devem ser reforçados e renovados os vínculos entre a educação superior, o mundo do trabalho e os outros setores da sociedade.

Como uma fonte contínua de treinamento, atualização e reciclagem profissional, as instituições de educação superior devem levar em conta de modo sistemático as tendências no mundo do trabalho e nos setores científico, tecnológico e econômico (...).

As instituições de educação superior devem assegurar a oportunidade para que estudantes desenvolvam suas próprias habilidades plenamente com um sentido de responsabilidade social, educando-os para tornarem-se participantes plenos na sociedade democrática e agentes de mudanças que implementarão a igualdade e a justiça (...).

Essas conceituações implicam que ante as mudanças tecnológicas e das necessidades sociais surgem requerimentos de talentos, pessoas competentes e aptas para ajustarem-se às necessidades com capacidade de gerar transformação e autotransformação a fim de realizarem e conduzirem o processo educacional superior a um patamar de excelência.

Sob estas perspectivas percebe-se a necessidade de desenvolver o tema deste estudo, a saber: A Didática na Formação Docente do Ensino Superior, pois como algumas das metas dos documentos citados acima serão alcançadas e bem desenvolvidas se a didática for negligenciada? Logo, por causa da sua necessidade se revela a sua importância.

A didática pode ser vista como ciência aplicada no processo de ensino e aprendizagem. A universidade que deseja corresponder ao seu motivo existencial precisa ter em seus quadros docentes que evidenciem no seu perfil científico e metodológico certas competências: capacidade de planejar, executar e avaliar didaticamente. Por isso, este estudo procurará firmar um sinal que possibilite, a partir da didática e do enfoque da formação docente, estabelecer vínculos teóricos e metodológicos que contribuam para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem na educação superior; destacar os fundamentos teóricos da didática geral; colocar em pauta a importância da aplicação da didática e da metodologia no ensino superior; evidenciar a importância da aplicação da metodologia no ensino superior; apresentar tendências atuais da didática e da sua aplicação na formação docente.

Todo desenvolvimento procurará mostrar que se a didática for conhecida, aprendida e aplicada construirá qualitativamente o docente e o processo educacional no qual ele está inserido. Assim, o primeiro capítulo definirá o que é didática, sua finalidade, e o seu papel. Evidenciará a importância da capacitação docente em didática. Apontará a presença da didática no inter-relacionamento professor e aluno. O segundo capítulo apresentará a interdependência entre didática e metodologia. Destacará o valor que a universidade e o professor devem conceder a metodologia. Mostrará o papel da metodologia no processo de ensino e aprendizagem. O terceiro

capítulo destacará o papel, a postura, as habilidades e a visão do docente universitário. Apresentará a necessidade de adaptação e desenvolvimento do professor universitário e da própria universidade frente às mudanças atuais. Pautará algumas dimensões inerentes à formação docente e o seu impacto na construção do modelo didático-investigativo. Evidenciará a razão da existência da universidade. Mostrará a importância da lucidez da universidade quanto a sua relação com o aluno, o ensino e a sociedade. O quarto capítulo apresentará a finalidade da educação sob os padrões didáticos e metodológicos. Mostrará que a didática é instrumento essencial para e na educação universitária. Evidenciará um tipo atualizado de mentalidade didático-pedagógica que identifique qualitativamente a universidade e o docente, e que atenda a sociedade hodierna.

CAPÍTULO I

A DIDÁTICA NA DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA

Este capítulo definirá o que é didática, qual a sua finalidade, e qual o seu papel. Evidenciará a importância da capacitação docente em didática. Apontará a presença da didática no inter-relacionamento professor e aluno.

Segundo Gil (2010, p.2) didática é a “arte de ensinar.” Ele segue citando Comenius, que afirmava que didática é a “arte de ensinar tudo a todos” e Masetto, que diz que didática “é o estudo do processo de ensino-aprendizagem em sala de aula e de seus resultados”.

Uma universidade moderna, adequada e que corresponda às necessidades atuais deve possuir professores com perfil científico-metodológico que atendam as competências necessárias: capacidade de planejar, executar e avaliar didaticamente.

Falando acerca de didática Libâneo diz:

A didática é uma disciplina que estuda o processo de ensino no seu conjunto, no qual os objetivos, conteúdos, métodos e formas organizativas da aula se relacionam entre si de modo a criar as condições e os modos de garantir aos alunos uma aprendizagem significativa. Ela ajuda o professor na direção e orientação das tarefas do ensino e da aprendizagem, fornecendo-lhe segurança profissional. (LIBÂNEO, 2002, p.5).

O professor deve ser um conhecedor da disciplina que aplica; uma pessoa versátil e abrangente no campo do saber, permanentemente aberto para a investigação e atualização de conhecimento. Precisa enxergar o que acontece em sala de aula, como os alunos aprendem e apreendem o que está sendo ensinado, como organizar espaço e tempo, que estratégias de intervenção são mais oportunas no âmbito do ensino-aprendizagem.

Ao falar da capacitação docente Perrenoud diz:

Por isso, é preciso limitar-se ao fato de que os professores saibam razoavelmente mais que seus alunos, que não descubram o saber a ser ensinado na véspera de sua aula e que o dominem suficientemente para não se sentirem em dificuldade ante o menor problema imprevisto (...). Quanto mais avançamos rumo a didáticas sofisticadas, pedagogias diferenciadas e construtivistas, mais esperamos que o professor tenha domínio dos conteúdos que lhe permita não só planejar e ministrar cursos, mas também partir das perguntas dos alunos, de seus projetos e intervir na regulação de situações de ensino-aprendizagem que podem ser muito menos planejadas que uma sucessão de lições (...). Em suma, a aparente evidência de que “deve saber o que ensina” abrange uma grande diversidade de representações quanto à extensão dos saberes a dominar, à natureza desse domínio, com relação ao saber que ele envolve e aos seus vínculos com a transposição didática. (PERRENOUD, 2001, p.16,17).

No ensino e aprendizagem está implícito a inter-relação professor e aluno e a presença da didática servindo de interface. Sobre isto Libâneo diz:

Em que consiste o processo de ensino e aprendizagem? O princípio básico que define esse processo é o seguinte: o núcleo da atividade docente é a relação ativa do aluno com a matéria de estudo, sob a direção do professor. O processo de ensino consiste de uma combinação adequada entre o papel de direção do professor e a atividade independente, autônoma e criativa do aluno. (LIBÂNEO, 2002, p.6).

No dizer de Perrenoud:

Ensinar é fazer parte de um sistema e trabalhar em diversos níveis. Durante muito tempo, a cultura individualista dos professores incitou-os a considerar que seu ambiente começava na porta de sua sala de aula. Todavia, a complexidade atual obriga a tratá-los como membros de um grupo com um papel coletivo e a questionar seus hábitos e suas competências no espaço da equipe, do estabelecimento de ensino e da coletividade local, bem como no espaço propriamente pedagógico e didático. (PERRENOUD, 2001, p. 57).

A celebração deste processo somente ocorrerá com a presença da didática. Mais uma vez vê-se a sua importância. Todavia, de acordo com Gil:

(...) Muitos professores universitários exercem duas atividades: a de profissional de determinada área e a de docente, com predominância da primeira. Por essa razão tendem a conferir menos atenção às questões de natureza didática (...). (GIL, 2010, p.5).

A própria Lei de Diretrizes e Bases (Lei nº 9.394/96), em seu artigo 65, não colabora para mudar o quadro, pois não exige prática de ensino para o professor universitário: “A formação docente, exceto para a educação superior, incluirá prática de ensino de, no mínimo, trezentas horas”.

Falando sobre os professores universitários e suas “preferências” profissionais Pimenta e Anastasiou escrevem:

De que modo os professores do ensino superior se identificam profissionalmente? Um físico, um advogado, um médico, um geógrafo, um engenheiro, por exemplo, (...) convocados a preencher uma ficha de identificação qualquer, como se identificariam profissionalmente? Podemos imaginar algumas possibilidades: físico, advogado, médico, geógrafo, engenheiro, simplesmente; ou seguido de professor universitário. Destas, seguramente, a primeira seria a mais frequente. (PIMENTA e ANASTASIOU, 2010, p.35).

Pelo que indica, a citação supra corrobora com o enunciado de Gil (2010, p.5). Porém, referindo-se a relação professor universitário e didática, parece que está em andamento uma mudança significativa de quadro, pois segundo Pimenta e Anastasiou:

(...) Constata-se nos meios educativos dos países mais avançados, um crescimento da preocupação com a formação e o desenvolvimento profissional de professores universitários e com as inovações no campo da didática (...). Também nota-se que a preocupação com a qualidade dos resultados do ensino superior (...) aponta para a importância da preparação no campo específico e no campo pedagógico de seus docentes. (PIMENTA e ANASTASIOU, 2010, p.37,38).

No dizer de Steiner e Malnic:

É preciso dar aos professores uma retaguarda de informações e preparação de como lidar com a sala de aula e, em particular, as salas de aulas com muitos alunos e com alunos com uma formação prévia mais deficiente. (STEINER e MALNIC, 2006, p.233).

Corroborar com Steiner e Malnic o pensamento de Perrenoud:

Outros, entre os quais me incluo, consideram que a formação dos professores ganharia muito se passasse pelo domínio dos saberes enraizados nas ciências humanas e sociais, não só na didática das disciplinas, mas também na psicologia da aprendizagem, na abordagem psicanalítica e psicossociológica das relações educativas e dos grupos, na sociologia, na antropologia e na história da educação. (PERRENOUD, 2001, p. 18).

O professor não é apenas um entendedor, perito de certa disciplina, mas um indivíduo inventivo, que evolui (pelo menos deveria) com a análise de cada momento educacional e com a sua prática didática, pois as atividades didático-pedagógicas são essenciais para o desempenho adequado das suas tarefas. Sendo assim, o professor universitário deverá ser capaz de:

- ✓ Conhecer, compreender e analisar os processos educativos e suas mudanças;
- ✓ Conhecer, compreender e relacionar as teorias educativas com a contemporaneidade e seus elementos;
- ✓ Conhecer as teorias educativas contemporâneas de acordo com as imagens temporais que assumem os moldes pedagógicos;
- ✓ Determinar as relações que existem no processo de ensino e aprendizagem;
- ✓ Compreender e valorizar o sentido do conhecimento, da universidade, dos alunos e de si mesmo como pessoa e docente;
- ✓ Contribuir com a pauta epistemológica da universidade.

No dizer de Antunes:

Distancia-se do perfil de hoje o professor apenas preocupado com os fundamentos e os conteúdos da disciplina que leciona. Conhecê-los, evidentemente, é importantíssimo, mas compreender a maneira como a mente opera o conhecimento e assimila-o é primordial. (ANTUNES, 2002, p.15).

Com certeza, a didática deve existir como instrumento catalisador deste processo. E segundo Pimenta e Anastasiou:

A tarefa da didática é a de compreender o funcionamento do ensino em situação, suas funções sociais, suas implicações estruturais; realizar uma ação autorreflexiva como componente do fenômeno que estuda, porque é parte integrante da trama de ensinar (...); por em relação e diálogo com outros campos de conhecimentos construídos e em construção, numa perspectiva múltipla e interdisciplinar (...); proceder a constantes balanços críticos do conhecimento produzido no seu campo (as técnicas, os métodos, as teorias), para dele se apropriar, e criar novos diante das novas necessidades que as situações de ensinar produzem. (PIMENTA e ANASTASIOU, 2010, p.49).

É entendido que a didática é um dos campos da pedagogia. Seu papel não é apenas metodológico; também é investigativo, visa estabelecer e fundamentar o ensino e a aprendizagem com fins de colaborar com a própria natureza da educação que é a formação total do indivíduo. Segundo Pimenta e Anastasiou:

A didática diz, pois, das finalidades do ensinar dos pontos de vista político-ideológicos (conhecimento e formação das sociedades), éticos (conhecimento e formação humana), psicopedagógicos (das relações entre conhecimento e desenvolvimento) e os propriamente didáticos (organização dos sistemas de ensino, de formação..., modos de ensinar..., da construção de conhecimentos). (PIMENTA e ANASTASIOU, 2010, p.67).

Por este sentido pode-se até dizer que a “didática constrói o ensino e a aprendizagem; e vice-versa”.

Ainda, segundo Pimenta e Anastasiou (2010, p.82):

Os professores universitários quando indagados sobre o conceito de didática dizem (...) com base em suas experiências que ter didática é saber ensinar e muitos professores sabem a matéria, mas não sabem ensinar. (PIMENTA e ANASTASIOU, 2010, p.82).

Sob a perspectiva supra vê-se a importância da didática.

Na época em que vivemos, onde a criatividade e inovação científica em todos os ramos da ciência são cruciais para o desenvolvimento do indivíduo e da sociedade, deve-se buscar uma educação universitária sob a égide de uma didática empolgante, contagiante e que atenda o papel do ensino, da aprendizagem, da universidade, pois esta última forma os educadores que serão, em suas respectivas áreas, os futuros educadores. Segundo Steiner e Malnic:

A força da universidade não está no pretensão monopólio sobre o conhecimento. Está, sim, na capacidade de gerar um tipo especial de conhecimento, na habilidade em trabalhar com ele e, principalmente, na competência em formar e educar pessoas para continuarem a executar ambas as tarefas. A força da universidade, sua característica mais singular está na aliança entre educação e avanço do conhecimento. (STEINER e MALNIC, 2006, p.42).

Para Perrenoud (2001, p.20) essas competências são: “o conjunto dos recursos que mobilizamos para agir” e se manifestam:

Na capacidade de identificar os obstáculos a serem superados (...); de considerar diversas estratégias realistas; de planejar e implementar a estratégia adotada (...); de coordenar essa implementação conforme os acontecimentos (...). (PERRENOUD, 2001, p. 138,139).

A universidade tem o dever de comprometer-se com a produção e distribuição do conhecimento tão relevante para o crescimento sócio-cultural. Assim, como cumprir este papel se o seu corpo docente não estiver apto didaticamente?

CAPÍTULO II

A METODOLOGIA NA DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA

Este capítulo apresentará a interdependência entre didática e metodologia. Destacará o valor que a universidade e o professor devem conceder a metodologia. Mostrará o papel da metodologia no processo de ensino e aprendizagem.

Antes de apresentar alguns aspectos efetivamente práticos da metodologia pretende-se destacar modelos inerentes a historicidade da mesma que influenciaram, e porque não dizer, que ainda influenciam o nosso processo de ensino universitário.

O modelo jesuítico, segundo Castanho citando Ullmann e Bohnen possui a seguinte característica:

(...) Desenvolvia-se em dois momentos fundamentais: a *lectio*, significando leitura de um texto, com interpretação dada pelo professor, a análise de palavras, destaque e comparação de idéias com outros autores, e a *quaestio*, isto é, perguntas do *didascalus* aos alunos e destes ao mestre. (CASTANHO, 2009, p.58).

Este método está fundamentado na escolástica, que tem por objetivo a exatidão analítica dos temas, a clareza dos conceitos e definições, a argumentação precisa, a expressão rigorosa. Destacam-se a figura do professor, a aula expositiva, exercícios para serem resolvidos, controle docente dentro e fora da sala de aula, hierarquia e organização de estudos, memorização (CASTANHO, 2009).

O modelo francês apresenta as seguintes características:

(...) O modelo francês-napoleônico, que se caracterizava por uma organização não universitária, mas profissionalizante, centrada nos cursos/faculdades (...). Do ponto de vista metodológico, entretanto, a maneira como se efetiva a relação professor/aluno/conhecimento para um ensino eminentemente

profissionalizante, centrado no professor repassador e no estudo das obras clássicas de cada época – a aceitação passiva das atividades propostas, o papel da memorização do conteúdo (...), e a força da avaliação (...) – mantém e reforça elementos do ensino jesuítico (...). (CASTANHO, 2009, p.61,62,63).

O modelo alemão, que também influenciou a universidade brasileira apresenta as seguintes características:

(...) Proposta de universidade voltada para a resolução dos problemas nacionais por meio de construção científica, unindo professores – entre si e aos alunos – por meio da pesquisa, em dois espaços de atuação: *os institutos* – visando à formação profissional – e *os centros de pesquisa* – que seriam regidos por situações essencialmente opostas ao modelo francês (...); busca desinteressada da verdade como caminho para o autodesenvolvimento e a autoconsciência; atividade científica criativa sem padrões estabelecidos (...). (CASTANHO, 2009, p.63).

Neste modelo o professor não aparece como simples repassador de conteúdos; o papel do aluno se volta para a direção da construção do conhecimento e formação profissional. Elementos deste modelo chegaram aos Estados Unidos da América e posteriormente ao nosso sistema de ensino:

(...) São assimilados ao sistema de ensino superior norte-americano e chegam ao Brasil em âmbito nacional, no texto da Lei 5.540/68 como resultado dos acordos MEC/Usaid, levando às reformas educacionais do período da ditadura militar; separa-se aí a pesquisa do ensino, deixado à graduação a responsabilidade de formação dos quadros profissionais, reforçando o caráter profissionalizante (...), e destinando-se à pós-graduação a responsabilidade da pesquisa. (CASTANHO, 2009, p.65).

Voltando-se para as questões didático-metodológicas atuais, de acordo com Gil:

Os professores de ensino fundamental e médio, de modo geral, passam por um processo de formação pedagógica (...) no curso Normal ou de Licenciatura. O mesmo não ocorre com os professores de nível superior. Ainda que muitas vezes possuindo títulos de Mestre ou de Doutor, os professores que lecionam nos

cursos universitários, na maioria dos casos, não passaram por qualquer processo sistemático de formação pedagógica. Alega-se (...) que o professor universitário não necessita tanto da formação didática (...). Seus alunos, por serem adultos e por terem interesses, sobretudo profissionais, estariam suficientemente motivados para a aprendizagem. (GIL, 2009, p.15).

Pode-se imaginar objetivo, meta sem alvo? Chegada sem partida?
Didática sem metodologia?

A fim de atingir um desempenho positivo no exercício do seu papel e atribuições didático-pedagógicas tanto o professor como a universidade devem primar por uma metodologia que atenda os propósitos da educação. Por exemplo, Gil fala sobre níveis de planejamento, formulação de objetivos e ordenação dos conteúdos. Veja-se:

O planejamento educacional é o que se desenvolve em nível mais amplo. É o que prevê a estruturação e o funcionamento do sistema educacional como um todo. Em relação ao ensino superior, cabem ao Ministério da Educação a identificação de necessidade de aperfeiçoamento do sistema educacional e a realização de estudos para a formulação de diretrizes.

O planejamento curricular desenvolve-se no âmbito da escola (...). Seu resultado é concretizado em planos, que definem os objetivos que a faculdade espera atingir (...) e as estratégias a serem adotadas para favorecer o processo de ensino-aprendizagem.

O planejamento de ensino é o que se desenvolve basicamente a partir da ação do professor. Visa ao direcionamento metódico (...) das atividades a serem desempenhadas pelo professor junto a seus alunos (...). (GIL, 2009, p.33,34).

Percebe-se que o planejamento no processo de ensino e aprendizagem deve representar um ciclo de relações entre todos os componentes didáticos, mostrando-se nas ações do educador e no alcance dos objetivos educacionais, e não somente em seus métodos, concepções teóricas, experiência e preferências pessoais.

Quanto à formulação de objetivos Gil diz que eles:

(...) Representam o elemento central do plano, de onde derivam os demais elementos. E acerca dos conteúdos ele declara: (...) Passa a ser encarado como elemento para a concretização dos objetivos (...). (...) O planejamento dos conteúdos deverá servir antes à aprendizagem do aluno que ao interesse do professor. (GIL, 2009, p.37,52).

Logo, percebe-se a importância e o valor da metodologia.

Quando se fala em metodologia está implícita a utilização de caminhos, estratégias, planejamentos, objetivos, definição de conteúdos, formas de ministrar as aulas etc.

De acordo com Castanho (2009, p.39) “o método é o conteúdo do ensino em movimento.” Na prática, é a “arte de ensinar”, no caso a didática, utilizando os melhores meios, recursos e quaisquer outros elementos que venham contribuir com o processo de ensino e aprendizagem; e porque não dizer: para que esta arte não deixe de ser arte.

Sendo a metodologia educacional de natureza didática confirma-se o que Gil diz:

Todos estes fatores, aliados a uma visão mais crítica do ensino, conduzem à identificação da necessidade de o professor universitário dotar-se de conhecimentos e habilidades de natureza pedagógica. Tanto é que se torna muito frequente alunos de cursos universitários, ao fazer a apreciação de seus professores, ressaltarem sua competência técnica e criticarem sua didática. (GIL, 2009, p.15,16).

Segundo Castanho o instrumento principal do professor é a palavra. Argumenta ele:

Outro pressuposto adotado é que o meio principal da ação do professor é a palavra. Dessa afirmação é que vamos tirar nossos argumentos em favor do método expositivo na educação superior (...). A comunicação didática é a forma pela qual o professor trabalha com mais frequência, principalmente nas instituições de ensino superior (...). (CASTANHO, 2009, p.40).

Com base na afirmação supra torna-se extremamente importante uma boa metodologia no desenvolvimento e apresentação das ideias, pois ainda citando Castanho (2009, P.38): “o cérebro precisa de fechamento. Por isso, não se pode deixar uma aula em aberto, sem amarrações.” Prossegue ele:

A cognição não se dá sem o trabalho de exposição, exegese ou análise científica da problemática. Nas instituições de ensino superior, esse é o trabalho a ser dirigido pelo professor, conduzindo a inteligência dos alunos a uma reconstrução da totalidade real da problemática que se estuda, por meio da explicitação, do desdobramento e da manifestação dessa realidade, pelos seus nexos internos, ou princípios teóricos. (CASTANHO, 2009, p.40).

Sob o exposto acima se vê que a aula expositiva é o método mais comum utilizado pelo docente universitário. Gil fala sobre ela:

(...) Consiste numa preleção verbal utilizada pelos professores com o objetivo de transmitir informações a seus alunos. (...) É a estratégia mais utilizada (...). (...) Uma aula bem planejada constitui estratégia adequada em muitas situações. (GIL, 2009, p.68).

Além da aula expositiva a metodologia de ensino universitário poderá lançar não de outros caminhos, por exemplo: seminários, discussões, simulações, recursos audiovisuais e pesquisa. Todavia, pretende-se dar evidência à pesquisa.

A pesquisa é vista como veículo de excelência para a formação de conhecimento, atendendo assim o próprio objetivo do ensino, que segundo Castanho:

É uma atividade voltada para a formação de um conhecimento que auxilie a descobrir o mundo em que vivemos, incorporando as experiências de vida e o saber já acumulado pela história humana, e ajudando a resolver os problemas atuais que a vida apresenta. Para isso, é preciso considerar que a pesquisa é uma atividade da vida cotidiana que se sistematiza e amplia o conhecimento, mas que também pode desenvolver muito o ensino, e, finalmente, é necessário considerar que o

ensino precisa apoiar-se na pesquisa. (CASTANHO, 2009, p.103).

Percebe-se que o ensino com pesquisa é uma metodologia promissora, haja vista que a própria pesquisa está presente no cotidiano humano (comparação de preço; de objetos e sua respectiva qualidade; de idéias etc.). Sendo assim, por que não tê-la sistematicamente no campo do ensino? O ensino deve se beneficiar da pesquisa:

A pesquisa científica, tal qual se pratica hoje, estruturou-se com base na organização e na sistematização que alguns cientistas fizeram para solucionar os problemas que decidiram enfrentar (...). A pesquisa tornou-se, assim, um esforço metódico de busca de informações para produzir conhecimentos novos, ampliar a compreensão do mundo e auxiliar na solução dos problemas concretos que as pessoas enfrentam (...). Mas o ensino que se restringir aos conhecimentos existentes em um dado momento, sem atender aos acréscimos contínuos que outros pesquisadores fizeram, corre o risco de manter idéias parciais, práticas ultrapassadas e soluções arcaicas. (CASTANHO, 2009, p.105,106).

É notório que o ensino não deve estar limitado a mostrar somente o que está feito e comunicar o conhecimento acumulado. Ele deve induzir as pessoas a ultrapassarem barreiras e ampliarem suas fronteiras. Para isso, o ensino necessita da ferramenta metodológica chamada pesquisa. Veja o que Castanho diz:

O ensino ganha significado novo quando propicia o prazer da descoberta e a importância do conhecer, quando provoca a observação, mobiliza a curiosidade, move a busca de informações, esclarece dúvidas e orienta as ações, em suma, quando supre as necessidades vitais do discente. (CASTANHO, 2009, p.106).

Sob estes pareceres é possível dizer que no processo de ensino e aprendizagem, onde a didática é o instrumento facilitador do processo educacional, a metodologia aparece como elemento catalisador do conhecimento promovido pela análise dos temas, ação docente e investigação discente.

CAPÍTULO III

O DOCENTE UNIVERSITÁRIO E A UNIVERSIDADE

Este capítulo destacará o papel, a postura, as habilidades e a visão do docente universitário. Apresentará a necessidade de adaptação e desenvolvimento do professor universitário e da própria universidade frente às mudanças atuais. Pautará algumas dimensões inerentes à formação docente e o seu impacto na construção do modelo didático-investigativo. Evidenciará a razão da existência da universidade. Mostrará a importância da lucidez da universidade quanto a sua relação com o aluno, o ensino e a sociedade.

Gil fala sobre este assunto da seguinte forma:

O professor universitário, como o de qualquer outro nível, necessita não apenas de sólidos conhecimentos na área em que pretende lecionar, mas também de habilidades pedagógicas suficientes para tornar o aprendizado mais eficaz. Além disso, (...) precisa ter uma visão de mundo, de ser humano, de ciência e de educação compatível com as características de sua função. (GIL, 2010, p.1).

É inerente ao papel docente ensinar conteúdos de qualidade, com qualidade e significativos, estabelecer uma relação verdadeira com os educandos e verificar se seus alunos estão realmente aprendendo e quais aprendizagens estão desenvolvendo. O professor deve estar qualificado e capacitado para o exercício das suas atividades; precisa ser criativo e ativo etc. Qualificação e formação continuada impactam positivamente na preparação de um docente apto para exercer suas atividades sobre a realidade que irá atuar.

De acordo com Castanho:

Um professor que reflita sobre a sua atividade é sempre um crítico nato de sua prática, mas pode adensar sua acuidade crítica com a recolha de informações mais consistentes e alcançar maior fundamentação para reorientar sua atividade

docente. A pesquisa que envolve a própria ação de ensinar tem grande efeito na atividade docente (...). (CASTANHO, 2009, p.109).

Segundo Pimenta e Anastasiou:

A docência na universidade configura-se como um processo contínuo de construção da identidade docente e tem por base os saberes da experiência, construídos no exercício profissional mediante o ensino dos saberes específicos das áreas de conhecimento. Para que a identidade de professor se configure (...) há o desafio de pôr-se (...) em condições de proceder à análise crítica desses saberes (...), confrontando-os e ampliando-os com base no campo teórico da educação, da pedagogia e do ensino. (PIMENTA e ANASTASIOU, 2010, p.88).

A atividade de professor universitário requer adequada preparação tanto para aquisição de conhecimento e atualização dos mesmos, como para o aumento de habilidades requeridas numa sociedade em permanente mudança. Carlini e Scarpato falam desta obrigatoriedade ao tratarem da formação do docente universitário:

A formação do professor universitário guarda certa especificidade em relação à formação do professor em geral. A postura adequada para o trabalho (...), o domínio de conteúdos específicos, a capacidade de trabalhar os conteúdos com competência técnico-didática, todos são fatores centrais que devem ser obrigatoriamente considerados no processo formativo. (CARLINE e SCARPATO, 2008, p.17).

O surgimento e constante ampliação das novas tecnologias da informação e comunicação contribuíram para que no circuito educativo se levem a cabo as necessárias transformações promovedoras da sua integração com uma sociedade em permanente mudança com novos requisitos e valores. Ainda citando Carlini e Scarpato acredita-se que tenham em mente esta situação:

(...) O professor universitário deve possuir outras capacidades, também obrigatórias: ter visão de mundo – cosmovisão – bem definida; conhecer as características da

sociedade e do tempo histórico em que ele e os alunos estão vivendo; saber qual tipo de pessoa pretende ajudar a formar, já que sempre estamos, de algum modo, sendo “ampliados” durante toda a vida, tanto informal quanto formalmente. (CARLINI e SCARPATO, 2008, p.17).

As transformações citadas acima possuem tanta pertinência que é coerente evidenciar a postura da Universidade de São Paulo:

Nesse mesmo compasso, a Universidade de São Paulo, maior centro de pesquisas acadêmicas da América Latina, derruba paredes que separam seus cursos e isolam a produção de conhecimento e, através do Instituto de Estudos Avançados (IEA), cria uma rede de inteligência coletiva que, por meio de softwares on-line, permite a interação integral e múltipla entre estudantes de todas as idades, professores, profissionais do setor privado, ONGs diversas, escolas públicas e privadas, potencializando para todos, em toda parte, uma verdadeira cidade do conhecimento. (ANTUNES, 2002, p.7).

As investigações sobre o processo de ensino e aprendizagem mostram novas formas, novos desafios e demandas que requerem novas capacidades e conhecimentos dos professores. Diminuição variada de aula e da função docente quanto às teorias e práticas educativas. Os professores devem ser capazes de adequarem-se às contínuas mudanças, tanto no conteúdo de seu ensino como na forma de ensinar.

A educação na sociedade da informação, o modelo de professor cuja atividade está fundamentada na sala de aula, poderá se tornar ultrapassado se não houver atualização didático-pedagógica contínua. As redes de telecomunicações poderão chegar a substituírem os professores se estes se conceberem e se limitarem a meros transmissores de informação. Inclusive, sob a ótica de Zabalza há um apelo à modificação continuada da universidade e dos professores:

É muito importante a modificação da função da universidade. Uma nova visão da sociedade, a qual atribui especial e particular valor ao conhecimento, necessariamente deveria atribuir à universidade um papel de protagonista. (...) Desse modo, a sorte está lançada, e, de uma forma ou de outra, as universidades e seus professores sentir-se-ão obrigados a

saírem da modorra¹ institucional em que a docência tinha se escondido. (ZABALZA, 2004, p.27,30).

O modelo docente presente em nossas universidades possui como característica principal a transmissão do saber como algo dado e hermético. Na relação docente-discente predomina a autoridade docente. Ele é o transmissor dos conhecimentos acabados. Seus princípios educativos são inflexíveis. O docente derrama todo o conhecimento sobre o aluno anulando a comunicação e a independência cognitiva do educando. O método didático-pedagógico está baseado na exposição verbal da matéria. Exige-se a memorização dos conhecimentos delineados e transmitidos pelo professor. A aprendizagem tem um caráter reprodutivo com resultados verificados através de avaliações escritas. Na linguagem de Steiner e Malnic acerca do elitismo educacional tradicional:

(...) A essência do processo educativo é o professor cuidando de todas as dimensões da aprendizagem do aluno. Ele é o “dono da bola” e a venerada liberdade de cátedra tanto lhe dá o direito de fazer o que quiser quanto à obrigação de lidar com todo o ciclo de aprendizagem de sua disciplina. O uso e a escolha de livros e até mesmo a decisão de não usá-los estão em suas mãos. (STEINER e MALNIC, 2006, p.214).

Todavia, o modelo didático-investigativo deveria ter espaço de relevância, pois ele é caracterizado pela criação de conhecimento inovador e produtivo. A investigação docente e discente deveria receber maior atenção da docência e da universidade. Neste contexto o perfil do universitário será formado pelo modelo educativo do processo docente: um modelo sistêmico e interdisciplinar, onde a investigação, o saber, saber fazer e querer fazer pautará a ação educativa. Este modelo diferenciado somente acontecerá se o docente possuir em sua formação, segundo Queluz, citando Severino (1991), três dimensões:

Dimensão dos conteúdos – relacionada com o domínio do conhecimento;

¹ Prostração mórbida ou sonolência em que caem certos doentes. Moleza, preguiça, soneira, sonolência. Insensibilidade, indiferença, apatia.

Dimensão de habilidades didáticas – constituída pela esfera dos instrumentos técnicos e metodológicos de sua profissão;

Dimensão das relações situacionais – que é a percepção nítida de todos os sujeitos que estão envolvidos no todo do processo educacional. (QUELUZ, 2003, p.89).

A razão essencial da existência da universidade está em conhecer mais e produzir conhecimento, onde o educador e o educando crescem na investigação, no saber, no saber fazer e ser. Segundo Queluz:

Da empresa cobra-se qualidade total com vistas à liderança na competitividade (...). A universidade não está fora dessas exigências e, por isso, repensa o seu fazer. Implicitamente ela é desafiada pelo movimento da qualidade e prepara a mão-de-obra que deve satisfazer as exigências do mercado de trabalho; quanto melhor o elemento, produto da universidade, melhor a qualidade dos serviços prestados por ele. Assim, de certa forma, empresa e sociedade avaliam a qualidade da universidade. (QUELUZ, 2003, p.8).

O estudo desta perspectiva é fundamental para compreender e efetuar as mudanças necessárias no processo de ensino e aprendizagem universitário, com o objetivo de satisfazer as demandas do desenvolvimento da educação com os avanços científicos e técnicos dos tempos atuais e futuros. A universidade deve possuir visão clara do seu papel para com o aluno, o ensino e a sociedade. Queluz aponta para esta questão:

(...) É preciso que a universidade reconheça que sua função não é apenas de formar profissionais especializados, como também pessoas que possam lidar com máquinas, pessoas, objetos e, acima de tudo, saibam lidar consigo mesmas e com a realidade em que vivem, com o objetivo de torná-las cada vez melhores (...). Ela é responsável pela formação de pesquisadores, de docentes de todos os níveis, de profissionais das mais diversas áreas (...) e também pela formação cultural de seus alunos e da sociedade. (QUELUZ, 2003, p.24,87).

Ainda falando sobre o tão importante papel da universidade e de seu dever, vale citar Steiner e Malnic:

Esta instituição precisa, entre outras coisas e ao mesmo tempo, ser competitiva e crítica, manter distância para ver o todo e se aproximar à realidade imediata, formar o jovem e cultivar o passado, preservar tradições e quebrar paradigmas, tratar da técnica e pensar os limites éticos da tecnologia (...). A universidade pode e deve estar sempre um pouco fora do seu tempo histórico, não para negar o presente, muito menos para deixar de imaginar o futuro, mas para que hegemonias do presente sejam repensadas como questões, e tornados temas relativos a um espaço político-institucional construído e mantido de acordo com um interesse fundamental: a liberdade de reflexão como critério ético de ação consequente. (STEINER e MALNIC, 2006, p.12,13).

Podem-se destacar duas condições básicas diante do futuro: é o conhecimento aberto, por exemplo, alcançados através da internet e demais veículos de comunicação, e os valores que são implementados a partir do sistema de ensino. Estas duas questões relacionadas às mudanças sociais nos levam a perguntar acerca dos fins da educação universitária e sobre quem possui a responsabilidade de formar as novas gerações.

CAPÍTULO IV

UMA VISÃO DE EDUCAÇÃO UNIVERSITÁRIA

Este capítulo apresentará a finalidade da educação sob os padrões didáticos e metodológicos. Mostrará que a didática é instrumento essencial para e na educação universitária. Evidenciará um tipo atualizado de mentalidade didático-pedagógica que identifique qualitativamente a universidade e o docente, e que atenda a sociedade hodierna.

Observando a educação historicamente (de forma concisa) é possível destacar, segundo Gil, três perspectivas educacionais:

A perspectiva clássica da educação enfatiza o domínio do professor, o ensino em sala de aula e a ênfase nos tópicos a serem ensinados (...). A preocupação básica da escola, segundo a abordagem clássica, é a de adaptar os alunos à tarefa de aprendizagem (...).

A perspectiva humanista constitui uma reação à rigidez da escola clássica (...). Por considerar que cada aluno traz para a escola suas próprias atitudes, valores e objetivos, a visão humanista centraliza-se no aluno. Assim, sua preocupação básica torna-se a de adaptar o currículo ao aluno.

A perspectiva moderna. As duas tendências consideradas manifestam-se nos dias de hoje tanto sob formas extremadas quanto mais brandas. Observa-se também a manifestação de uma tendência conciliatória, que procura unir a ênfase do conteúdo sistemático da visão clássica com o caráter libertário da escola humanista. (GIL, 2009, p.24,25,26).

Todavia, segundo Antunes:

Algo novo está surgindo nesse “nosso velho mundo” e não se enquadra nos pressupostos convencionais e nos paradigmas que antes eram transmitidos de uma geração para outra. De fato, é um novo tempo, uma novíssima economia, uma nova civilização e não se trata, absolutamente, de pensar o que a educação pode fazer por ela, mas de buscar indícios de como essa nova civilização está mexendo nas entranhas do conhecimento, do ensinar e do aprender. Atualmente, por exemplo, já se discutem processos de manipulação genética das inteligências, da consciência e da memória, e não é nem um

pouco difícil imaginar o que isso pode representar para uma escola ou para um professor que não descobria outro papel para seu ofício que o de acumular informações na mente de seus alunos. (ANTUNES, 2002, p.9).

Corroborando com Antunes o que escreveu Pimenta e Anastasiou:

A preocupação com a formação e o desenvolvimento profissional de professores universitários e com a inovação didática cresce nos meios educativos, o que é atestado pelo aumento progressivo de congressos, reuniões, seminários e atividades relacionadas ao tema (...). A preocupação com a qualidade dos resultados do ensino superior, sobretudo os de graduação, revela a importância da preocupação política, científica e pedagógica de seus docentes. (ANASTASIOU, 2010, p.249).

Qual é a visão docente sobre a educação nos dias de hoje e para o futuro? Que tipo de ser humano quer formar? Segundo Carlini e Scarpato a universidade possui papel relevante:

Considera-se, atualmente, que estamos em plena Era do Conhecimento e da informação; espera-se, em consequência, que a Educação Escolar transmita saberes e fazeres evolutivos, adaptados à civilização cognitiva. Simultaneamente, então, compete à escola organizar referências formativas para qualificação das informações recebidas, selecionando-as e integrando-as às ações. (CARLINI e SCARPATO, 2008, p.19).

A educação, em sua essência, e trabalhada sob os padrões didáticos e metodológicos, constrói um ser humano inteligente, conhecedor, que trabalha; disciplinado, pronto, bem sucedido e com esperança. O principal desafio docente e da universidade hoje não é a falta de conhecimento disponível. Inclusive, Carlini e Scarpato falam da natureza e essência da escola:

A escola é uma instituição sociocultural que vai muito além disso (um mero espaço auxiliar do processo informativo). Configura-se como um espaço de relações interpessoais, de vivências coletivas que precisam ser evidenciadas e valorizadas (...). A escola é um lugar de produção de conhecimento, não

apenas de difusão, assimilação ou resignificação de informações. (CARLINI e SCARPATO, 2008, p.20).

Entre muitas outras questões, a didática torna-se ponto fundamental para caracterizar uma educação universitária centrada no processo educacional compatível e necessário aos tempos atuais. Haja vista que se concebe a didática como o estudo do processo de ensino e aprendizagem envolvendo formas de organização do ensino, uso e aplicação de técnicas e recursos pedagógicos, controle e a avaliação da aprendizagem, postura docente e objetivos políticos e pedagógicos e críticos acerca do ensino. Esta mesma didática terá papel qualificador para o docente, a universidade e do processo de ensino e aprendizagem.

Destarte, necessita-se observar qual é a educação que está se fornecendo e não a quantidade. O desenvolvimento desequilibrado do indivíduo é responsável por vários problemas que a sociedade enfrenta, por exemplo, uma visão torcida acerca dos fins da educação. Como pessoas orientadas pela natureza essencial da educação os educadores devem aceitar que além de transmitirem conhecimento também está na pauta das suas responsabilidades mostrarem como empregá-lo corretamente. Logo, como fazê-lo sem uma visão de educação que contemple a importância da presença da didática neste contexto? Considerando esta questão vale evidenciar o que Carlini e Scarpato dizem sobre a formação docente e o papel da universidade:

(...) Assim, trabalhar a dimensão cultural da educação escolar e da formação do educador deve conduzir obrigatoriamente à compreensão das vivências e experiências que os sujeitos envolvidos têm e trazem para o universo escolar, considerando estruturas de sentimentos e de pensamentos, valores, comportamentos, práticas (...). Desse modo, a escola e, com muito mais razão, a universidade passam a ser instituições “pesquisadoras” no sentido literal do termo (...). (CARLINI e SCARPATO, 2008, p.21,22).

Sob a ótica internacional destacam-se as novas funções atribuídas à universidade, tema abordado por Bireaud:

A evolução através da qual se opera um alargamento das funções do Ensino Superior a partir das funções tradicionais – fomentar e alargar os conhecimentos pela investigação e transmiti-los pelo ensino – é um fenómeno mundialmente reconhecido, como testemunham relatórios publicados por organismos internacionais (...). Mas este ensino consiste num ensino geral cuja finalidade visa desenvolver ao máximo as capacidades dos melhores alunos do secundário; por vezes, cita-se a educação permanente, mas não de forma sistemática; por outro lado, dá-se unanimemente lugar de grande relevo à necessidade peremptória de um elo entre o ensino e a investigação. (BIREAUD, 1995, p.22,24).

Neste mesmo contexto aparecem os docentes universitários em suas situações pedagógicas apresentando posturas diferenciadas da tradicional. Veja o que diz Bireaud:

(...) Os docentes inovadores esforçam-se por modificar a forma da comunicação pedagógica, de maneira a que os intercâmbios também se estabeleçam no sentido estudante – docente, e entre os estudantes (...). (BIREAUD, 1995, p.75).

A criatividade é componente indispensável na prática docente. O professor que desenvolve o seu papel com criatividade terá maiores chances de alcançar seus objetivos em sala de aula, pois é através de atividades significativas e diferenciadas que despertará o interesse de seus alunos.

Um professor criativo buscará através de sua didática “chamar e prender” a atenção de seus alunos para os conteúdos que necessitam aprender, motivando-os para a nova aprendizagem. Sabe-se que nem todos os alunos aprendem da mesma forma, logo, a importância do educador ser criativo, pois assim estará criando oportunidade de aprendizagem para todos os alunos.

O docente tem o dever de compreender e aprender que didática faz parte de um todo: teoria, prática, visão crítica e política, organização, planejamento etc., e que essas dimensões devem caminhar juntas, pois a caracterizam e fornecem significado real ao seu trabalho.

Considerando o que foi dito acima, como é possível promover uma visão universitária de educação para o século XXI que atenda a sociedade, a

universidade, o corpo docente e discente? Que tipo de mentalidade deve-se querer produzir? Quais valores devem-se intentar semear e desenvolver no contexto universitário? Seguem algumas idéias:

- ✓ Trabalhar para criar uma mente globalizada. Somos cidadãos de um mundo e compartilhamos dele com outras pessoas. O que nos afeta, também afeta a eles.
- ✓ Buscar permanentemente o desenvolvimento pessoal. A educação deve levar em conta o preocupar-se com o desenvolvimento total todo ser humano, não apenas o econômico.
- ✓ Estimular a dúvida, o questionamento, a coragem, não a conformação. O medo serve de obstáculo para a intenção das perguntas e a iniciativa.
- ✓ Cultivar a cooperação e não a concorrência. A ênfase atual na formação educacional está no desempenho individual em busca de sucesso econômico. Esta ênfase é individualista, egoísta. A cooperação deve fazer parte do espírito educacional. A didática por meio do seu papel facilitador propicia a interação e o crescimento das partes: universidade, docente, aluno, sociedade. Ela promove o fortalecimento e a evolução educacional que acontece através do processo de ensino e aprendizagem.
- ✓ Criar e sustentar uma mente que aprende. O despertar da inteligência é mais significativo que o cultivo da memória. É possível dizer que inteligência é a capacidade de aprender. Informação agregada nem sempre atinge este patamar. A inteligência se revela na sensibilidade, discernimento, questionamento. A ação didática e metodológica corrobora com o atingimento deste ideal.
- ✓ Estabelecer uma mente criativa. Uma mente puramente racional, científica, intelectual pode ser bastante severa com o seu possuidor e para com aqueles que o cercam. Deve-se trabalhar

para que através da educação mentes equilibradas sejam construídas, conscientes das suas potencialidades e limitações. A didática, como a “arte de ensinar” é a ferramenta ideal para formar este tipo de mente por meio da própria técnica nela presente (teoria) e também através da sua aplicação (prática docente).

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho procurou-se evidenciar a importância da didática na formação do professor universitário. A interdependência que deve existir entre didática e metodologia, e seus benefícios para o processo de ensino e aprendizagem. Mostrou-se a finalidade da educação sob padrões didáticos e metodológicos de qualidade a fim de atender as demandas da sociedade, destacando as mudanças que estão ocorrendo no meio universitário quanto à importância da didática. Assim, ficou caracterizado que a didática, ao cumprir o seu papel de “arte de ensinar” legitima a presença docente e da universidade no cenário educacional.

Este trabalho, apoiando-se em pesquisa bibliográfica, também procurou validar a ideia de que a didática sendo conhecida, aprendida e aplicada funcionará como elemento favorável para a construção qualitativa do docente, do discente, do processo educacional e da própria universidade.

Esta atividade monográfica apontou que para a universidade é extremamente valioso ter em seu quadro professores que evidenciem nos seus respectivos perfis competências didáticas, metodológicas e pedagógicas, tais como: capacidade de planejamento, conhecimento da disciplina, versatilidade, criatividade, espírito investigativo e científico, visão do seu campo de atuação, capacidade para ensinar, organizar, intervir, intermediar, construir e comunicar.

Procurou-se deixar claro que o principal desafio docente e da universidade nos dias atuais não é a falta de conhecimento. Mas, sim, como trabalhar o conhecimento positivamente para o crescimento do ser humano e da sociedade.

Descobriu-se que a didática, vista como ciência e a arte de ensinar, aplicada com padrões metodológicos contextualizados e eficientes, construirá por meio da difusão do conhecimento existente, seres humanos realmente inteligentes, integralizados e socialmente bem definidos. Logo, percebeu-se que a didática, quando conhecida e aplicada efetivamente, torna-se veículo de validação da necessidade do corpo docente como elemento facilitador do

processo de ensino e aprendizagem, e da universidade como instituição detentora e divulgadora de conhecimentos.

Sob uma perspectiva educacional hodierna considerou-se uma visão docente e universitária inovadora necessária aos novos tempos e apresentou-se um tipo de mentalidade que deve existir nas universidades e nos docentes. Esta visão é transformadora, pois trabalha para criar uma mente globalizada em um mundo globalizado; busca constantemente o desenvolvimento pessoal e institucional; aguça a dúvida e combate a conformação com a mediocridade; planta a cooperação e desestimula a concorrência egoísta; impulsiona e fortalece a educação; desperta e alimenta uma mente que aprende e apreende criativamente. Neste contexto a didática é instrumento facilitador, que ajuda no cumprimento da visão e também propicia a interação e o crescimento das partes: universidade, aluno, docente, sociedade. Por isso, a sua importância e necessidade na formação docente e no plano universitário.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, Celso. ***Novas Maneiras de Ensinar. Novas Formas de Aprender.*** Porto Alegre: Artmed, 2002.

BIREAUD, Annie. ***Os Métodos Pedagógicos no Ensino Superior.*** Portugal: Porto Editora, 1995.

CARLINI, Alda Luisa & SCARPATO, Marta (Org). ***Ensino Superior: questões sobre a formação do professor.*** São Paulo: Avercamp, 2008.

CASTANHO, Sérgio & CASTANHO, Maria Eugênia (Org). ***Temas e Textos em Metodologia do Ensino Superior.*** 6ª Ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2009.

GIL, Antonio Carlos. ***Didática do Ensino Superior.*** São Paulo: Atlas, 2010.

_____. ***Metodologia do Ensino Superior.*** 4ª Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. ***Didática: Velhos e Novos Temas.*** Goiânia: Edição do Autor, 2002.

PERRENOUD, Philippe. ***Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza.*** 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PIMENTA, Selma Garrido & ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. ***Docência no Ensino Superior.*** 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

QUELUZ, Ana Gracinda (Org). ***Educação Sem Fronteiras: Em Discussão o Ensino Superior.*** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

STEINER, João E. & MALNIC, Gerhard. ***Ensino Superior: Conceito e Dinâmica.*** São Paulo: Edusp, 2006.

ZABALZA, Miguel A. ***O Ensino Universitário: seu cenário e seus protagonistas.*** Porto Alegre: Artmed, 2004.